

Denise Maestrello e Henny Aguiar Bizarro Rosa Favaro *

Filigrana- Joia Rendada

* **Denise Maestrello** é artista plástica e professora de ensino joalheiro. Iniciou sua carreira na joalheria em 2005. Licenciada em Educação Artística, suas áreas de interesse compreendem pesquisa, didática e ensino, criação e técnicas de produção. Desde 2008 ministra aulas de design de joias, métodos de criação de coleção, filigrana, joalheria artesanal, repuxo e escultura em cera. Na filigrana tornou-se especialista na técnica. Participou do Grupo de estudos que desenvolveu texto para a normatização do desenho técnico de joias (ABNT- NBR 17041); atualmente faz parte do grupo de trabalho para elaboração do Glossário Técnico de Joalheria, (AJESP/IBGM). denise.maestrello@gmail.com
ORCID 0000-0003-3116-0907

Henny Aguiar Bizarro Rosa Favaro é Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU - Mackenzie, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura UPM e graduada em Artes Plásticas pela mesma universidade. Foi docente e orientadora de monografia de graduação em Design, e Pós-Graduação Lato Sensu da FAU- Mackenzie. Participou do Grupo de estudos que desenvolveu texto para a normalização do desenho técnico de joias (ABNT- NBR 17041); atualmente faz parte do grupo de trabalho

Resumo O presente artigo tem como objetivo fazer um breve recorte sobre a história da filigrana e suas aplicações, desde os tempos antigos até a contemporaneidade, baseado na experiência da autora, com foco em destacar a tradição da técnica, para que contribua com sua continuidade e não se perca nos momentos atuais. Para o desenvolvimento do trabalho, buscou-se conhecer a história das oficinas, processo de produção das peças de filigrana e o relato da experiência da autora com a evolução da técnica e a modernidade da execução.

Palavras chave Filigrana, Ourivesaria, Joia Rendada, Técnica da joalheria

para elaboração do Glossário Técnico de Joalheria, (AJESP/IBGM); e do grupo de pesquisa “Núcleo Design Joia: Metodologia de Projeto de Produtos aplicado ao setor joalheiro”, do departamento de Gemologia da UFES.

hennyrosa.favaro@gmail.com

ORCID 0000-0003-2344-8492

Filigree – Laced Jewel

Abstract *This article aims to make a brief overview of the history of filigree and its applications, from ancient times to contemporary times, based on the author’s experience, focusing on highlighting the tradition of the technique, so that it contributes to the continuity of the method. and don’t get lost in the current moments. For the development of the work, we sought to know the history of the workshops, the production process of the filigree pieces and the report of the author’s experience with the evolution of the technique and the modernity of the execution.*

Keywords *Filigree, Jewellery, Lacy Jewelry, Jewellery technique*

Filigrana – Joya Lazada

Resumen *Este artículo tiene como objetivo hacer un breve recorrido por la historia de la filigrana y sus aplicaciones, desde la antigüedad hasta la época contemporánea, a partir de la experiencia del autor, centrándose en resaltar la tradición de la técnica, de modo que contribuya a la continuidad de lo método. y no te pierdas en los momentos actuales. Para el desarrollo del trabajo se buscó conocer la historia de los talleres, el proceso de producción de las piezas de filigrana y el relato de la experiencia del autor con la evolución de la técnica y la modernidad de la ejecución.*

Palabras clave *Filigrana, Joyería, Lacy Jewelry, Técnica de joyería*

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da experiência da autora como professora e joalheira, sobre técnicas de ourivesaria, mais especificamente sobre a temática da filigrana.

Técnica considerada complexa para o professor ensinar e trabalhosa para o aluno executar. Assim, costuma-se definir a orientação dada em curso de filigrana. Muitos querem aprender pelo fato de ser algo muito distinto dentre as técnicas de joalheria artesanal, entretanto a filigrana é uma técnica singular, com características próprias de execução. Dentre as dificuldades consideradas na técnica referida, estão: manuseio de fios muito finos que podem chegar a 0,18 mm de espessura; a acomodação dos enchimentos na estrutura externa, que requer paciência e habilidade; o momento da solda, que torna necessária uma atenção especial, por não poder deixar vestígios para que se atinja o resultado esperado: precisa penetrar no meio dos fios, para não perder sua característica principal que são os chamados ‘grãos’ dos fios; e finalmente, um trabalho intenso com a escova de latão, para dar o polimento, pois quanto mais acabamento com a escovação, melhor o resultado da técnica.

O efeito visual que se espera, é o de uma renda, característica singular da filigrana, que é exatamente o que impulsiona o interesse pela técnica, que mesmo sendo milenar, é possível modernizá-la nas suas formas e ideias de preenchimento.

O presente estudo tem como objetivo principal, retomar a história da filigrana, sua técnica respectiva e as atualizações relativas à forma, presente no trabalho da própria autora como professora e divulgadora da técnica. O que se faz necessário, para que não se perca sua história ou seja adaptada sem as especificidades da técnica, porém que se possa estudar possíveis resultados inusitados, com a tecnologia e conhecimentos adquiridos.

Origens

O ouro, como símbolo de riqueza, arte, inspira as pessoas desde tempos mais remotos, e a procura do ser humano por se adornar, se constata através de vestígios arqueológicos, desde o período pré-histórico, quando buscavam matérias que eram difíceis de encontrar, tais como presas de animais ferozes, ossos, ou qualquer material que pudesse atribuir valor a quem as utilizasse. São usados no corpo humano representando algum tipo de significado. Conhecendo essa parte da história conseguimos entender a importância dos objetos de adornos. Segundo Gola (2008 p. 15) as joias “(...) são suportes para insígnias específicas dos ocupantes de um território, marcas de um momento histórico, sinais importantes no relacionamento de um indivíduo com determinado grupo.”

Sobre a origem dos objetos de adorno, Favaro (2013) observa que, alguns materiais encontrados pelos arqueólogos, tais como conchas, vértebras de peixe entre outros materiais, estavam dispostos alinhados em um cordão, dando a entender que o colar seja considerado a joia mais antiga do mundo:

Encontrada por um grupo de arqueólogos chefiados por Christopher Henshilwood, professor da Universidade Estadual de Nova York, na caverna de Blomblos, África do Sul, uma coleção de conchas perfuradas no mesmo lugar, 41 ao todo, seriam parte de um colar de contas, com idade aproximada de 75 000 anos, considerada como o caso mais antigo de ornamento feito pelo homem. (FAVARO, 2013, p. 62).

Mas foi com o surgimento das primeiras civilizações da Antiguidade (Período da Idade Antiga), no antigo Egito, concentrada ao longo do rio Nilo, que a joalheria é encontrada com formas geométricas, com técnicas dos ourives mais sofisticadas, ou seja, em torno 2.500 a.C que os ourives começaram a desenvolver habilidades para manusear o ouro, utilizando a soldagem por fusão e a técnica de granulação.

A história relacionada à ourivesaria, conforme Kundisová (2018) vem das antigas civilizações, levada ao continente europeu pelos Fenícios que, quanto ao tratamento de metal e introdução de técnicas, recebiam influência mediterrânea. Ou seja, a técnica de solda, granulada e filigrana, vieram do Oriente e Egito, porém foram os Etruscos que a expandiram.

E foi com o trabalho dos Etruscos, aglomerado de povos que viveram na península Itálica, como representante de maior importância, que a técnica de filigrana é iniciada, porém ainda não conhecida por essa expressão. Nesse período a filigrana era aplicada sobre chapa como forma de decoração.

A técnica de filigrana foi criada graças à descoberta da solda, no início feita a frio, na segunda metade do IV milênio a.C. no Oriente e surgindo no Egito nos começos do III milênio a.C. Foi nesse tempo que também apareceu o fio de ouro, não havendo assim obstáculos para que essas duas técnicas não se pudessem unir, criando a base da própria filigrana que se compõe de finíssimos fios, entrançados, enrolados e soldados juntos criando assim a decoração da peça. (MAGALHÃES e MARQUES apud KUNDISOVÁ 2018 p. 84).

Com a evolução da técnica os etruscos começaram a produzir estruturas (contornos) que dessem sustentação aos fios torcidos. Sem a chapa por trás a técnica ficou mais difícil de confeccionar e em compensação mais leve e delicada. Utilizavam a granulação, (técnica de inserir na peça, pequenas esferas de metal), juntamente com a filigrana, para dar resistên-

cia aos adornos.

Gola (2008 p. 50) comenta que os etruscos se transformaram em mestres artesãos do mundo antigo, atingiram um grau elevado de perfeição pois eram habilidosos, sofisticados, e seus trabalhos eram finamente cinzelados ou decorados com filigranas e granulação.

Enquanto os etruscos utilizavam em grande parte metais para confecção dos adornos, na fase grega iniciaram o uso de pedras e pasta de vidro, que caracterizou-se pela utilização de motivos florais e elementos estampados com fortes relevos, substituindo assim, a granulação pela filigrana, conforme Gola (2008).

Pelo fato da técnica de filigrana ter como característica a delicadeza e a leveza, foram introduzidas no Império Romano principalmente na época das batalhas, já que o ouro financiava batalhas e seu uso na joalheria era limitado.

Durante o período românico a técnica decorativa de filigrana adornava, principalmente, os objetos religiosos como cruzes, custódias, cálices e outros. A filigrana penetrou nas peças profanas do estilo gótico e, especialmente, desde o séc. XV, quando prevaleciam as peças litúrgicas acrescentadas pelas pedras preciosas. (MAGALHÃES e MARQUES apud KUNDISOVÁ 2018 p. 85).

No início da Idade Média também vemos o uso da filigrana em uma combinação de formas complexas na decoração de superfícies, complementada, às vezes, com pequenas pérolas e pedras. Gola (2008) observa que no mesmo período, muitos mosteiros buscavam inspiração no estilo bizantino e tanto a filigrana quanto o esmalte e a granulação continuam presentes. Porém, foi no séc. XVII que a fabricação dessas peças exuberantes passa a decoração dos adornos pessoais de uso popular, e impulsionam o trabalho dos ourives: “Desde então, a filigrana ganhou sua importância e valor como um ramo independente da ourivesaria criando peças completas da mesma.” (KUNDISOVÁ, 2018, p. 86).

Com o domínio da ourivesaria, novas tipologias surgem, caracterizadas pela leveza e apontamentos técnicos com elementos articulados.

De acordo com Guarnieri e Ribeiro (2012), o ouro excedente na Colômbia atraiu vários ourives da Península Ibérica, que trouxeram assim, novos conhecimentos sobre as técnicas, principalmente na cidade de Mompox. O mesmo aconteceu no Paraguai, Argentina, Peru e Brasil.

Com a chegada de ourives espanhóis à cidade de Lima deu início à produção de filigrana no Peru, no fim do séc. XVI. Eram produzidas peças como estribos, talheres, jarras e vasos, na sua maioria, em prata, e com isso: “Lima passou a ser capital do vice-reinado com jurisdição sobre toda a América espanhola, onde os ourives ficaram conhecidos pelo tamanho dos trabalhos realizados em filigrana, alguns contendo mais de um quilo de prata.” (GUARNIERI e RIBEIRO 2012 p. 41).

Tanto no Peru, quanto na Colômbia a filigrana é montada de uma maneira diferente da europeia. Depois dos fios serem torcidos e laminados, o fio é passado em uma engrenagem (tipo daquelas encontradas no mecanismo de um relógio) para deixá-lo em formato de ziguezague. O preenchimento poderá ser feito alternando fios retos e fios em ziguezague, como se observa na figura 01.

Figura 1 Estilo de filigrana peruana

Fonte Escuela Taller Naranja, Mompox
- Colômbia, 2022



Pereira (2011) observa que, em função da intensa circulação de objetos nas épocas das navegações portuguesas, muitos objetos circularam pelo Brasil, com trocas internacionais, com mercadorias variadas, entre elas, moedas, objetos em ouro e prata com destaque para argolas de filigrana, brincos e colares. O autor complementa que a variedade que compunha os espólios dos indivíduos que deixaram nos inventários, se dava em objetos como tecidos, mobiliário, joias em ouro aplicadas com a técnica da filigrana, pelo fato de Portugal ser um centro de referência da técnica cujos ourives aprimoraram, criando uma contínua tradição desse trabalho no ouro, passada de geração em geração.

GUARNIERI e RIBEIRO (2012 p. 47) complementam que, entre o século XVII e início XVIII era quase impossível distinguir onde eram confeccionadas as peças de joalheria, em Lisboa, Braga, Porto, Salvador, Pernambuco ou Rio de Janeiro. Isso se deve ao fato de o Brasil ter atraído vários ourives tanto de Portugal como o da Espanha por causa da fartura de metais e gemas preciosas que havia.

A tradição da técnica em Portugal

O desenvolvimento e aprimoramento da técnica da filigrana na ourivesaria era muitas vezes descrita como uma arte nacional, mas o etnógrafo Rocha Peixoto apud Kundisová (2018), afirma que a sua origem e expansão é bastante extensa, pois era conhecida e praticada também na Espanha (Salamanca, Málaga e Córdoba), na França, Itália (Génova, Florença, Nápoles e Roma), na Dinamarca (que tinha característica diferenciada pela sua finura), na Suécia, Noruega, Turquia, Índia e China. E segundo o autor, “(...) mas tal como os países se diferenciam em cultura e tradições, também a filigrana varia, através de história e evolução diferente. Basta imaginar que há diferenças entre objetos de filigrana de Travassos e de Gondomar, em regiões tão perto uma da outra.” (KUNDISOVÁ 2018 p. 82).

Meados do século VII a filigrana foi desenvolvida e produzida em Portugal, enquanto a tradição foi se perdendo na Espanha, e em Portugal foi ficando cada vez mais importante, conforme observa Guarnieri e Ribeiro (2012), pois povos estrangeiros foram se instalando na cidade de Gondomar em função de sua fartura em riquezas minerais.

Esta técnica de ourivesaria, conforme observa Costa apud Kundisová (2018), tão característica da história portuguesa, teve os seus momentos de sucesso seguidos por anos em que foi suprimida e substituída por outras decorações, para poder brilhar novamente mais tarde, para as novas gerações. Entretanto, a cultura, estilo de vida acabavam por caracterizar a filigrana, pois distinguia-se o estilo de Póvoa de Lanhoso, Gondomar, entre outros locais de Portugal, porém sendo Gondomar o que caracterizou-se de maior significância para a técnica.

Figura 2 Coroa de filigrana portuguesa cravejada de pedraria

Fonte Museu Municipal de Filigrana de Gondomar



Kundisová (2018) complementa que, tradicionalmente, a filigrana de Gondomar era mais fina e fechada, em função do processo de fabricação, pois o preenchimento do esqueleto das peças era feito pelas ‘enchadeiras’ com fios finos e malha muito cheia, ao passo que a técnica da filigrana de Póvoa de Lanhoso, que era produzida por artesãos, tinha característica de

ser mais grossa e com malha mais aberta.

O trabalho das ‘enchadeiras’ na produção da filigrana em Portugal, artesãs que decoram as peças, é o de preencher a armação ou esqueleto, processo que pode tanto ser feito de forma manual mais tradicional, quanto com recurso a tecnologia ou meios mecânicos, no entanto, o seu valor estético e técnico se deve à responsabilidade do ourives, ainda que seguindo a gramática própria da filigrana portuguesa.

Trabalho que era tradicionalmente feito pelas mulheres no próprio domicílio, atualmente é produzido em oficinas: “Na Póvoa de Lanhoso este trabalho sempre foi, e continua a ser, um dos passos do processo de produção realizado na oficina, preferencialmente por mulheres (mas também, e mais esporadicamente, por homens).” Conforme o site Filigrana de Portugal (10/05/2022).

Essas habilidades dos artesãos, artesãs e ourives, podem ser conhecidas e visitadas em Portugal, na “Rota da Filigrana”, onde os trabalhos genuínos dos ourives são valorizados, que preservam suas oficinas, dinamizam a economia local, seja como rota turística, seja como no apoio às empresas em sua promoção internacional. Durante a visita à oficina, pode-se conhecer o espaço onde são produzidos os adornos, o processo produtivo e suas diversas técnicas, as habilidades dos artesãos, comprar suas peças e até aprender a fazer algumas técnicas tradicionais. (KUNDISOVÁ, 2018).

Formas e estilos da filigrana portuguesa: simbologias das peças tradicionais

A seguir, serão apresentadas algumas peças tradicionalmente conhecidas pelo trabalho da técnica da ourivesaria portuguesa e suas respectivas simbologias:

O “Coração de Viana” (figura 03) é um adorno confeccionado em filigrana muito famoso em Portugal. Sua simbologia é o culto e adoração ao Sagrado Coração de Jesus. Hoje ele também representa a ligação entre dois amores. Possui esse nome por causa da cidade de Viana do Castelo.

Figura 3 Coração de Viana
Fonte Filigrana de Portugal
(10/05/2022).



Os Brincos à Rainha foram utilizados pela rainha D. Maria II (1819 – 1853), durante uma visita à cidade de Viana do Castelo, e encantou as senhoras fidalgas da época, que passaram a encomendar o mesmo modelo, não somente pela beleza da peça, mas também como demonstração de prosperidade. Também foi atribuído como símbolo da fertilidade feminina, da ligação do filho ao ventre da mãe, pelo formato da peça. (Figura 04).

Figura 4 Brincos à Rainha
Fonte Filigrana de Portugal
(10/05/2022).



Outra peça muito conhecida é o brinco Arrecadas Castrejas, com o formato inspirado no quarto crescente da Lua, conhecidos também por argolas filigranadas, ou argolas bambolinas. As “arrecadas” eram brincos mais populares, que pertenciam a população mais humilde e que as classes mais privilegiadas começaram a imitar, um dos poucos casos considerados na joalheria, em que as classes mais abastadas imitam peças de ourivesaria popular. (Figura 05).

Figura 5 Brincos Arrecadas
Fonte Museu de Ourivesaria de Viana do Castelo



Os “colares de conta” de Viana descendem das contas gregas: são ocas por dentro, o que as torna leves e perfeitamente esféricas. Distinguem-se, no entanto, pelo fio em filigranas e por um pequeno ponto ao centro. Era também considerada joia popular portuguesa, pois as jovens iam comprando conta por conta até formarem seus colares. (Figura 06).

Figura 6 Colar Contas de Viana
Fonte Filigrana Portuguesa,
(10/05/2022)



Os museus em Portugal que contam sobre a arte da Filigrana, como o de Gondomar, mantém uma exposição permanente desde 2016, conforme o site CM – GONDOMAR (15/06/2022): “(...) proveniente da doação de utensílios, maquinaria e mobiliário por ourives locais, que permite a divulgação e proteção das memórias desta arte ancestral, o município de Gondomar restaurou e inventariou todos os materiais cedidos, constituindo assim, o espólio municipal”.

Na cidade do Porto, o museu “Casa da Filigrana”, fundado pela empresa de David Rosas de alta joalheria, tem os irmãos Luísa e Pedro Rosas na organização, com o objetivo de preservar a técnica milenar, um património cultural.

O Museu da filigrana em Lisboa foi o primeiro museu dedicado à técnica em Portugal, tem além de peças expostas, ferramentas utilizadas para o feitiço da técnica, e sua história. Possui em exposição permanente, mais de 150 peças de diversas coleções e artesãos, ferramentas e réplicas de sua oficina, buscando recriar dessa forma as fases de sua produção.

Em Portugal, os municípios de Gondomar e Póvoa de Lanhoso desenvolveram uma certificação de qualidade com o selo “Filigranas de Portugal” com o objetivo de atestar as peças que são feitas de forma artesanal, pois atualmente, há peças de filigrana que não respeitam a produção artesanal, com o rendilhado que caracteriza a técnica feita com o método de injeção, e as peças obtidas não tem a mesma qualidade.

Características da técnica filigrana

Muitos pensam que o simples fato de se trabalhar com fios finos é considerado filigrana. Mas a verdadeira técnica consiste em trançar ou torcer fios finos e depois laminá-los. Os fios torcidos são utilizados na vertical para os grãos ficarem à mostra. Uma estrutura é feita para receber o ‘enchimento’ com diferentes desenhos com os fios torcidos e laminados, curvando-os e dando aparência de renda.

Quanto mais habilidade do ourives mais se percebe a perfeição da peça onde não se vê a solda aplicada. Esta se acomoda no meio dos fios, pois na maioria das vezes é utilizada solda em pó.

A realização de uma soldadura representa uma prática “tão sutil que não seja perceptível a olho nu (e nela) reside a habilidade suprema do artífice”. A solda espalha-se sobre a peça com a borrachinha, o processo chamado “cantar da cigarra”, usando o maçarico controla-se constantemente a ação do fogo. É nesta parte que o filigraneiro efetua “uma das mais delicadas tarefas da sua empresa técnica”. (KUNDISOVÁ 2018 p. 115).

Segundo GUARNIERI e RIBEIRO (2012 p. 23 e 24), o termo Filigrana deriva do latim “filum e granum” que literalmente significa fio com grãos, reforçando a importância da aparência dos gomos que os fios trançados adquirem.

Filigrana no Brasil: as joias de crioula e as joias da cidade de Natal

A filigrana presente nas joias de crioula

Importante momento na joalheria brasileira é o das joias e ornamentos utilizados pelas negras livres, mucamas e amas de leite, durante o período de escravidão, conhecidas como Joias Crioulas, peças que muito se utilizava a técnica da filigrana.

Conforme afirma Guarnieri e Ribeiro (2012), eram os chamados ‘escravos de ganho’, homens e mulheres que realizavam trabalho remunerado, e com a oportunidade de acumular pertences de valor, que podiam assim, alforriar a si mesmos ou familiares e amigos.

Seus ganhos eram transformados em peças de ouro predominantemente, trabalho feito pelos ourives negros, tanto objetos de adornos femininos, quanto as ferramentas dos Orixás.

De acordo com Favaro (2013), as joias crioulas eram usadas pelas mães pretas, presente dos senhores de engenhos às suas escravas favoritas, e as peças possuíam características diferentes das joias das senhoras brancas, principalmente pelo aspecto opulento, nem sempre de ouro maciço, e sem pedras preciosas. São peças de tipologia específica que representam a

identidade e prestígio de algumas mulheres negras daquela sociedade.

De acordo com Cunha & Milz (2011), as características dessas peças não vem exclusivamente da cultura africana, mas de influência europeia, se comparadas às peças portuguesas da mesma época:

É grande a semelhança encontrada, tanto na forma, como nas funções de ostentação. Com relação à forma, a semelhança mais significativa está nos colares de contas e seus pingentes, principalmente nas contas do tipo bola confeitada, decoradas com círculos de fios torcidos, soldados sobre a superfície polida da bolota, remetendo esteticamente às superfícies às técnicas de granulação e filigrana. (CUNHA; MILZ 2011 P. 64)

Atualmente, parte deste acervo encontra-se no Museu Carlos da Costa Pinto na cidade de Salvador- BA. A gestora do Museu, Simone Trindade, conta que muitas escravas recebiam comissão na venda de especiarias, doces, quitutes (como o abará e o acarajé) e guardavam a economia para primeiro, comprar a liberdade, e depois sapatos, roupas e joias. “Mais do que o enfeite, as joias eram também investimento, uma vez que essas negras não tinham acesso a instituições financeiras para guardar suas economias”. (REVISTA MUSEU, 2022).

Figura 7 Terço de Criola

Fonte Acervo do Museu Costa Pinto



As joias da cidade de Natividade

Pouco conhecido o polo de artesãos, em Natividade, cidade a 226 km de Palmas – TO, sucessores de ourives portugueses, que chegaram por volta do século XVIII atraídos pelo centro aurífero da região.

De acordo com Wal (2015), na década de 1980/90 esteve perto de ocorrer uma ruptura irreparável da técnica citada, por falta de novos aprendizes. Entretanto, a produção artesanal de Natividade pode ser mantida através de iniciativas do IPHAN, SEBRAE e Governo Federal, por meio do Programa Amazônia Cultural, datado de 2013, editado pelo Governo Brasileiro e Ministério da Cultura, com o objetivo de apoiar projetos culturais da região Norte do Brasil.

O projeto inclui um manual, com o passo a passo da produção de sete peças confeccionadas por Mestre Wal (Joaquim Valdeides) o qual registra o legado da técnica de filigrana, uma forma de garantir a transmissão do conhecimento.

Dentre as peças do manual, as que são reconhecidas como as joias de filigrana de Natividade são a “flor de maracujá” figura 08, e o “coração nativo” figura 09, onde a filigrana é apresentada em forma de pingentes ou brincos mostrando toda sua riqueza de detalhes da técnica.

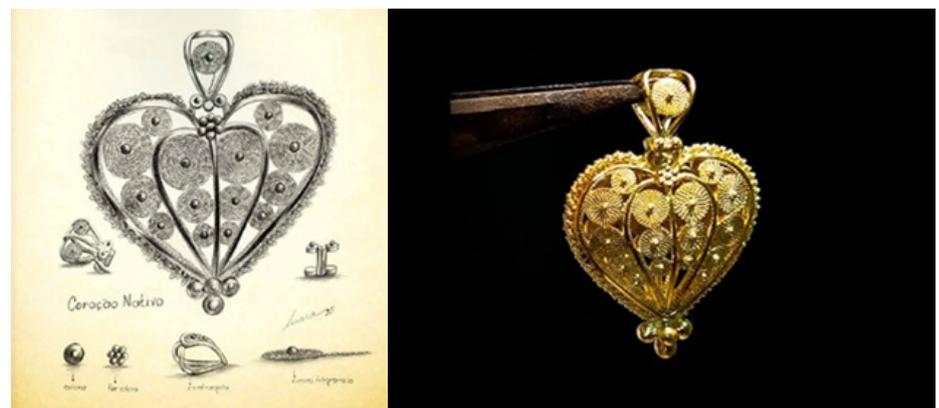
Figura 8 Brincos ‘Flor de maracujá’

Fonte Wal, 2015



Figura 9 Pingente ‘Coração Nativo’

Fonte Wal, 2015



O risco de perda definitiva do saber e do fazer das tradicionais joias artesanais foi o que motivou o projeto do livro, e também da capacitação de jovens desempregados ou em situação de risco social, dando novas oportunidades de trabalho. Esse projeto tem grande valor tanto para o patrimônio cultural de Tocantins quanto para a preservação da memória nacional.

Algumas curiosidades sobre a Filigrana na atualidade, estão desde temas carnavalescos aqui no Brasil, onde o carnavalesco Arlindo Rodrigues, com o tema 'O que é que a baiana tem', utilizou a representação de filigranas em carros alegóricos e nos trajes das baianas; em um vestido confeccionado com 151 peças de filigrana para a Expo Dubai 2020 no pavilhão de Portugal (figura 10).

Figura 10 Vestido com corpete de filigrana

Fonte JN. PT (20/06/2022)



Também como curiosidades atuais, a maior peça de filigrana já confeccionada, 2018. Foi apresentada no concurso mis Portugal e além de ser a maior peça é também a mais pesada.

Com 1,20 metros de altura e 12,6 mil metros de fio, o Maior Coração de Filigrana do Mundo foi o principal destaque do stand do Turismo do Porto e Norte de Portugal na edição da BTL (Bolsa de Turismo de Lisboa). Possui 25 partes, onde foram utilizados 91 metros de fio estruturado ou armado, num total de 12,1 quilos. Envolveu o trabalho de 25 técnicos e colaboradores de 12 empresas. (Figura 11).

Figura 11 Maior coração de filigrana do mundo

Fonte CM - Gondomar



Na joalheria atual o modo de confeccionar peças filigranadas é muito parecido com a forma dos antepassados. Alguns equipamentos modernos ajudam a facilitar o processo. Se antes os fios eram torcidos em cima de um bloco de madeira com um bloco menor fazendo fricção ao longo do fio, hoje utiliza-se o motor de suspensão (chicote) para torcê-los. A limalha de solda que antes era obtida com a ‘raspagem’ de um lingote na lima, hoje já é encontrada pronta para a compra.

Percebe-se também que na filigrana contemporânea há novos desenhos nas estruturas das peças, saindo do formato tradicional, porém mantendo a tradição da técnica.

Os motivos florais são muito utilizados, bem como formas abstratas, inserção de gemas e granulação, como se observa nas figuras 12 e 13.

Figura 12 Adorno multiuso em prata 950

Fonte Denise Maestrello (acervo próprio), 2022

DENISE MAESTRELLO



Figura 13 Adorno multiuso em prata 950

Fonte Trabalho de aluna, Denise Maestrello (ESPMIX,2022)

Criação Thais Guarnieri
Foto Nayra Somaggio



ESPMIX.COM.BR

Considerações finais

A partir da experiência em sala de aula verificou-se a complexidade do ensino da técnica que para o aluno ela é trabalhosa, porém compensatória pelo resultado. Foi destacado também sobre a beleza da técnica a qual imita uma renda, tão singular e que faz com que até hoje, as pessoas se encantem com a técnica.

Com o intuito de compreender os aspectos complexos que envolvem técnicas como a da filigrana, no universo da criação joalheira, pôde-se observar que inovações tecnológicas ainda estão associadas a etapas totalmente artesanais, que contam principalmente com habilidades manuais, e conhecimento passado de geração em geração.

Com o objetivo de buscar aspectos históricos sobre a origem e destacar a importância de preservação de culturas, que envolvem a beleza da técnica da filigrana, finalizamos apontando a dificuldade de encontrar material acadêmico sobre o assunto, o que sugere estudos mais aprofundados e em maior quantidade que possam abordar técnicas milenares da joalheria, que tragam inovações sem que se percam as características que são consideradas essenciais para que sejam preservadas, pois, com o devido conhecimento, é possível produzir novos formatos, sem que se percam as características da tradição da técnica.

Referências

CM- GONDOMAR. Disponível em < <https://www.cm-gondomar.pt/> > Acesso em 15/06/2022.

CUNHA e MILZ. **Jóias de Crioula**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.

ESCUELA TALLER NARANJA. Disponível em <https://escuelatallernaranja.com/pages/maestro-josimar-pedrozo-hoyos-escuela-taller-de-mompox-maestro-de-joyeria>. Acesso em 22/06/2022.

FAVARO, Henny Aguiar B. Rosa. **Design de Jóias e Pesquisa Acadêmica: Limites e sobreposições**. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Orientadora: Ana Gabriela Godinho Lima. 2013. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2013.

FILIGRANA DE PORTUGAL. Disponível em <https://www.filigranadeportugal.pt/pt/caderno-de-especificacoes/caracteristicas-filigrana-de-portugal/> Acesso em 10/05/2022.

GOLA, Eliana. **A Jóia**- História e design. São Paulo: Ed. Senac, 2008.

GUARNIERI e RIBEIRO. **Filigrana**- História e técnica. São Paulo: Ed. LCTE, 2012.

JN.PT. Vestido com corpete em filigrana. Disponível em < (<https://www.jn.pt/local/noticias/porto/gondomar/vestido-com-corpete-em-filigrana-que-vai-para-o-dubai-demorou-2040-horas-a-ser-feito-14379457.html>) Acesso em 20/06/2022.

KUNDISOVÁ, Julia. **Filigrana de Gondomar**: o percurso da arte tradicional gondomarense dos tempos remotos até à contemporaneidade. 2018. Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural. Universidade do Minho. Portugal, 2018.

MUSEU COSTA PINTO. Disponível em www.museucostapinto.org.br/acervo.org.br Acesso em 22/abr/2022.

PEREIRA, Ana Luíza Castro. **Lençóis de Linho, pratos da Índia e brincos de Filigrana**: vida cotidiana numa vila mineira setecentista. In Est. Hist. Rio de Janeiro, vol24, nº 48, p. 331-350, 2011.

REVISTA MUSEU. Disponível em <https://www.revistamuseu.com.br/site/museu-carlos-costa-pinto-expoe-joias-crioulas.html> . Acesso em 15/04/2022.

WAL, Mestre. **Manual 7 joias artesanais de Natal**. Natalidade: 10 Empresa de Comunicação, 2015.

Recebido: 29 de julho de 2022

Aprovado: 11 de agosto de 2022